

IDENTIDADES NEGOCIADAS: A NARRATIVA DE MEMÓRIA E HISTÓRIA DE JOVENS HERDEIROS DA MIGRAÇÃO EM BUSCA DA (DES)TERRITORIALIZAÇÃO

Carina Santos de Almeida¹

RESUMO

As cidades configuram-se pólos atrativos à mobilidade espacial, e a composição socioeconômica, étnica e cultural destes territórios pode se alterar a medida que novos atores do desenvolvimento passam a integrar a sociedade. É neste sentido que o território representa um espaço de negociação de identidades, sendo que estas estão articuladas com a condição de *homo situs* e seu *habitus* social. As migrações redesenham o perfil das cidades e afetam as concepções de pertencimento, alteridade e identidade, porém, a juventude se configura como agente do desenvolvimento, sendo capaz de minimizar ou evidenciar os conflitos sociais presentes no território, sobretudo quando os jovens são herdeiros da migração. Os jovens são influenciados não somente pela memória coletiva da comunidade em que vivem, mas pela herança patrimonial e convívio geracional. Com isso, a juventude herdeira da migração negocia sua(s) identidade(s) a partir das suas narrativas de memória e história, podendo estas estarem em acordo com os valores da sociedade acolhedora, ou ainda em desacordo, indicando conflitos sociais e até violência simbólica. Este trabalho aborda um estudo de caso realizado com jovens migrantes e filhos de migrantes no Brasil meridional através do uso da metodologia da História Oral.

PALAVRAS-CHAVE Identidades Negociadas, Juventude e Território

ABSTRACT

The cities set up attractive centers to the spacial mobility. The socioeconomic, ethnic and cultural composition of these territories can change while new actors of development takes part of the society. In this way, the territory represents an identity negociation space, and these identities are linked with the condition of *homo situs* and his social *habitus*. Migrations redraw the cities profile and they affect the conceptions of belonging, identity and alterity. However, young people are set as an development agent they are able to minimize or evidence the social conflicts in the territory, specially when these young people are migration's heirs. Youth is influenced not only by the colective memory of the community in wich they live, but they are also influenced by the patrimonial heritage and by living with other generations. With this, the youth, that is migration's heir, negotiates its identities based on their narratives of memory and history. These narratives of memory and history can be in accordance to the values of the host society, or in disagreement, indicating social conflicts and even symbolic violence. This paper discusses a case study conducted with young migrants and migrant's children in southern Brazil, through the use of Oral History methodology.

KEY-WORDS Negotiated Identities, Youth e Territory

¹ Mestre em Desenvolvimento Regional pelo Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC e pesquisadora junto ao Centro de Pesquisa sobre Desenvolvimento Regional (CEPEDER) da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC.

INTRODUÇÃO

As cidades de porte médio² no Rio Grande do Sul/Brasil têm se configurado nas últimas décadas como locais de destino de uma migração intra e interregionais³, a identidade – enquanto patrimônio simbólico ou imaterial⁴ dessas comunidades, que outrora eram predominantemente rurais e homogêneas –, pode ser dissipada pela heterogeneidade das comunidades em processo de urbanização. A noção de pertencimento à comunidade depende, em grande parte, da incorporação da “herança patrimonial” por parte do migrante, assim como da negociação entre a identidade “tradicional” com a identidade “migrante”.

É neste contexto que a juventude se configura como agente do desenvolvimento, ela é capaz de minimizar ou evidenciar os conflitos sociais presentes no território, sobretudo quando os jovens são herdeiros da migração e, por esta condição, são obrigados a “negociar” sua(s) identidade(s) para poderem-se desenvolver no local. As migrações redesenham o perfil das cidades e afetam as concepções de pertencimento, alteridade e identidade, mas a juventude é possivelmente mais capaz de dialogar com a identidade local e migrante por estar permeada pelos valores da modernidade ou do mundo hodierno que as gerações mais velhas.

Assim, este trabalho apresenta duas subdivisões – “Narrativa dos ‘estabelecidos’: a história e a memória de tradição germânica numa cidade do Brasil meridional” e “Identidades Negociadas: a (des)territorialização por meio de narrativas de memória e história da juventude herdeira da migração” – e aborda como os atores juvenis herdeiros da migração (migrantes e filhos de migrantes ou segunda geração)⁵ negociam suas identidades em busca da (des)territorialização numa cidade de porte médio localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Cruz do Sul, por meio do confronto entre a narrativa de história e de memória dos estabelecidos com a narrativa migrante.⁶

² Cidades de porte médio, médias ou intermediárias no Brasil, estão situadas entre a ruralidade e a metrópole, possuem características funcionais e permitem ligar centros locais (FELDMAN, 2003; BRANCO, 2006; SANTOS, 2004).

³ As migrações internas no Brasil são compreendidas pelos deslocamentos inter e intra-regionais de população, tanto entre Estados quanto entre municípios. O processo de migração ou mobilidade espacial intra-regional (mobilidade interna existente nos municípios de uma mesma região) e interregional (mobilidade externa existente entre as regiões) ocorre possivelmente devido à procura por melhores condições socioeconômicas e familiares (SILVA, 1986: 756-771).

⁴ Patrimônio simbólico ou imaterial pode ser definido pelas representações, práticas, expressões, conhecimentos e técnicas que os grupos sociais, as comunidades e/ou os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural e que estão enraizadas no espaço e no tempo (CURY, 2004: 373; CHOAY, 2001: 11).

⁵ Convém ressaltar que os filhos dos migrantes – aqueles que nascem no local de destino da migração familiar –, são comumente chamados de “segunda geração”.

⁶ Este trabalho se baseou numa pesquisa qualitativa, realizada no ano de 2007 com quarenta jovens voluntários; a metodologia utilizada foi a da História Oral (THOMPSON, 1992; MEIHY, 2002; MEIHY e

1. NARRATIVA DOS “ESTABELECIDOS”: a história e a memória de tradição germânica numa cidade do Brasil meridional

Santa Cruz do Sul é considerada pólo regional e o maior ponto de destino da migração⁷ da região do Vale do Rio Pardo, localizada ao centro do Estado gaúcho. Sua história se construiu a partir da formação da colônia agrícola de Santa Cruz, que recebeu imigrantes de origem germânica a partir de 1849. Assim, o desenvolvimento, como também a história e a memória desta cidade, foram atribuídos pela historiografia tradicional local à imigração alemã, sendo consenso também entre os atores sociais locais e os discursos normativos.

Porém, de um território rural e agrícola, Santa Cruz passou a um território urbano e industrializado, sua população total na virada do século XX para o século XXI ultrapassou cento e vinte mil habitantes, sendo que quase 90% se encontravam no meio urbano. Assim, nesta transição de século, a cidade já não mais se caracterizava socialmente como uma cidade de teuto-descendentes (alemães), visto que a migração, sobretudo corrente no último quartel do século XX, lhe proporcionou outras características populacionais (IBGE/2000, Censo Demográfico do Rio Grande do Sul de 1950 e FEE/RS, 2006).

No século XX, a economia regional se encaminhou para uma crescente especialização tabagista, provinda da produção agrícola familiar. A cidade se urbanizou e recebeu contingentes significativos de migrantes, com a intensificação do processo de industrialização no último quartel do século XX. A internacionalização do setor industrial, com a chegada de empresas multinacionais na década de 1970, possibilitou um aumento significativo da produção e do beneficiamento industrial do tabaco, ampliou-se a demanda de trabalho – atração de mão-de-obra inter e intra-regional –, a atividade temporária (safra) teve acrescida a sua importância no processo de urbanização e contribuiu para a expansão da malha urbana e o

HOLANDA, 2007; FERREIRA e AMADO, 1996; FREITAS, 2006; ALBERTI, 2005; MONTYSUMA, 2006) e contou com o auxílio da técnica *focus group* (BAUER e GASKELL, 2002; MATTAR, 1997).

⁷ A migração se refere aos movimentos geográficos de indivíduos e grupos. Estas migrações ou deslocamentos propiciam o crescimento de centros urbanos, o êxodo rural, a expansão de fronteiras agrícolas e o povoamento do território. À medida que os movimentos de população – de um lugar para outro – são um fenômeno muito antigo, o migrante, na maioria das vezes, não se mobiliza sozinho e acaba contribuindo para a transformação da sociedade hospedeira. Porém, o processo de inserção e assimilação dos migrantes nas comunidades nem sempre ocorre de forma harmônica, muitas vezes desvela hostilidades e defronta-se com movimentos racistas ou xenófobos, assim como, com variadas formas de violência que dependem das circunstâncias sócio-culturais, econômicas e políticas. A migração de indivíduos não representa apenas uma mobilidade espacial, mas também uma mobilidade social. Os indivíduos não apenas se deslocam de um local para outro, mas de um grupo social para outro, assim, os migrantes além de se mobilizarem espacialmente, se mobilizam socialmente e encaram o papel de recém-chegados numa sociedade formada por grupos com tradições já estabelecidas. A mobilidade social tem um amplo sentido, mas geralmente diz respeito aos movimentos ou deslocamentos de indivíduos de uma camada ou classe social a outra (SILVA, 1986: 756-771; BOTTOMORE e OUTHWAITE, 1996: 466-472; ELIAS e SCOTSON, 2000: 174; BOURDIEU, 2000: 750).

surgimento de uma periferia enquanto alternativa à reprodução de consideráveis parcelas de trabalhadores provindos tanto do campo quanto de outras cidades circunvizinhas (SILVEIRA, 2003).

A despeito da historiografia local construir sua narrativa de história e de memória sobre a cidade a partir da colonização germânica – “passado” comum a todos que habitam Santa Cruz do Sul (MARTIN, 1979; KIPPER, 1979; VOGT, 1997) –, a cidade, no decorrer do século XX, teve um aumento significativo de migrantes “brasileiros” com origem distinta aos já estabelecidos teuto-descendentes. Com isso, a cidade teve uma convivência em muitos momentos conflituosa entre “alemães” e “brasileiros” neste século XX (CORREA, 2007).⁸

Dessa forma, tem-se, no limiar de século XXI, uma cidade constituída por personagens sociais distintos, sendo muitos santa-cruzenses nascidos e de origem (familiar), mas a maioria constituída por migrantes de diversas outras cidades e regiões, que podem ser pensados como *outsiders* (ELIAS & SCOTSON, 2000).⁹

A migração é um fenômeno complexo e multi-causal, que não depende somente de fatores macro-estruturais, baseia-se na análise estrutural que o migrante faz deste novo meio, e que lhe impulsiona racional e emotivamente a decidir inserir-se neste espaço, que lhe parece ter melhores condições em relação ao seu lugar de origem. Os migrantes constituem-se como agentes ativos no processo de “expulsão” do “lugar de origem” e “atração” ao “lugar de destino” (CORREA, 2002, p.275).

Por conseguinte, o migrante, ao se consolidar socialmente em uma sociedade, interfere nas relações sociais, por fim, acaba estabelecendo relações que podem ser de difícil inserção – *outsiders* –, nesta nova sociedade, mas que com a afirmação geracional, pode vir a se tornar um “estabelecido”, desenvolvendo uma mínima integração e identificação social (ELIAS & SCOTSON, 2000).

Os processos de encontro entre grupos antigos – os estabelecidos –, com novos grupos, os migrantes – *outsiders* –, ocorrem em diversas comunidades do mundo inteiro, sobretudo porque estão associados à industrialização, a urbanização e ao desenvolvimento comunitário (ELIAS e SCOTSON, 2000: 68). Com isso, o problema da distinção antigo-novo deve ser

⁸ O termo “brasileiro” é corrente tanto entre as comunidades de origem e colonização germânica, italiana e polonesa no Rio Grande do Sul quanto entre a historiografia tradicional local quando se referem a pessoas de origem étnica que não sejam as supracitadas. Os “brasileiros” são pessoas de origem portuguesa, espanhola, africana, indígena e/ou mestiços.

⁹ O termo *outsiders* utilizado aqui não se refere ao fato dos indivíduos migrantes serem “de fora”, mas diz respeito à população migrante (jovens migrantes e de segunda geração), com vínculos alhures, ser um grupo novo na comunidade, não fazer parte de um estilo de vida estabelecido pelas gerações locais e não integrar o tempo passado local (ELIAS e SCOTSON, 2000: 19-49).

compreendido dentro de um processo temporal. Estar inserido numa sociedade, morando, trabalhando, freqüentando espaços culturais, pressupõe relações estabelecidas com diversos grupos sociais de convívio, assim, ser migrante ou mesmo filho de migrante pode acarretar numa idéia de não inserção.

Em Santa Cruz do Sul, como em outras cidades emergentes brasileiras, os migrantes fazem parte de uma história recente, ou seja, são “presente” e “futuro”, e não “passado” e “origem”, a questão da história e da memória alicerça-se na questão temporal, assim, estar fora do tempo passado, é, talvez, justificativa para estar fora da história e da memória coletiva da cidade, mesmo sabendo que cada indivíduo possui uma memória individual e se encontra fisicamente inserido na sociedade.

Os migrantes que passaram a residir em Santa Cruz no último quartel do século XX se instalaram na atual periferia da cidade, assim, os espaços urbanos desta cidade apresentam apropriações do território (ROLNIK, 1998: 41). Residir nas áreas mais antigas, portanto centrais, significa integrar a tradicional narrativa de história e memória coletiva do local – ao menos que o migrante encontra-se em condições econômicas favoráveis –, do contrário, o migrante, com origem e identidade alhures, restringe-se a periferia. Ser “estabelecido”, com origem alemã, corresponde a integrar a história e a memória coletiva da cidade. Ser “migrante” e sobretudo com origem alhures, corresponde à periferia, que é associada à marginalidade e a criminalidade conforme os discursos normativos; por fim, ser migrante, significa não fazer parte da história e da memória coletiva da cidade.

IDENTIDADES NEGOCIADAS: a (des)territorialização por meio de narrativas de memória e de história da juventude herdeira da migração¹⁰

Existem diferenças significativas entre os jovens duma cidade – social, cultural, econômica – neste caso de análise, a mais evidente refere-se à própria noção de “estabelecido”, “migrante” e de “segunda geração”.¹¹

¹⁰ As questões aqui abordadas foram tematizadas a partir da narrativa juvenil extraída de entrevistas realizadas com quarenta jovens migrantes e filhos de migrantes voluntários que nasceram entre os anos de 1988, 1989, 1990 e 1991.

¹¹ Os dados do censo do IBGE de 2000 sobre a categoria juvenil apontam que – faixa etária identificada na maioria dos casos entre 15 aos 24 anos –, havia em Santa Cruz do Sul neste início de milênio 28.320 jovens, destes, a maioria situa-se no meio urbano, que atingiu 25.007 jovens, enquanto que 3.313 jovens situam-se no meio rural. □ Neste sentido, a juventude no município representava pouco mais de 26% da população total, ou seja, acima da média brasileira, que alcançou, em termos de juventude, 20% do total da população brasileira.

Os jovens migrantes e filhos da migração encontram-se situados no tempo presente local e no espaço local, e, provavelmente, podem ter um futuro neste *situs*, contudo, somente os jovens estabelecidos e herdeiros da migração possuem um passado familiar no local, visto que os jovens migrantes não fazem parte do tempo passado de Santa Cruz. A despeito de existir esta diferença entre estes jovens, o processo da migração deve ser considerado a partir da noção de família, que se mobiliza espacialmente; os destinos e linhagens da família integram uma concepção dinâmica, pois a família é o ator e o produto de uma história, a mobilidade não é uma ação individual, mas engaja seus ascendentes, sua *fratrie* e os seus descendentes. Portanto, tanto os jovens migrantes quanto os jovens de segunda geração são herdeiros de um patrimônio e do processo da migração (BOURDIEU, 2000: 751).

As representações sociais acerca da memória coletiva local ultrapassam os limites históricos, amparando-se nos valores e crenças construídos pelos discursos normativos e que os agentes locais consideram importantes. Os migrantes não fazem parte desta história em sua origem, tempo, transcurso, memória ou em seu “passado”, não são, num primeiro momento, pensados pelos agentes locais detentores da escrita como parte integrante da memória patrimonial, mas inegavelmente são integrantes desta sociedade. Assim, os migrantes e a juventude herdeira da migração apresenta um “desencaixe” entre “tempo” e “espaço” (GIDDENS, 2002: 22 e 23).

O que se evidencia é que os jovens migrantes e herdeiros da migração situam-se na sociedade santa-cruzense no tempo presente. O local no qual estão situados apresenta fronteiras flutuantes neste espaço que é construído no tempo e a partir das interações entre os atores do lugar. Assim, os jovens narradores percebem o local santa-cruzense a partir da pluralidade de territórios aos quais julgam pertencer; o local e o sítio possuem proximidades que somente são concebidas através do espaço simbólico, que é constituído de vínculos sociais e de crenças compartilhadas (ZAOUAL, 2006, p.144). Necessariamente, os atores juvenis não compartilham os mesmos territórios urbanos e tão pouco as mesmas crenças e valores, portanto, o espaço simbólico que compartilham não é o mesmo.

A negociação da identidade destes jovens herdeiros da migração depende grandemente dos espaços ou territórios urbanos quais frequentam. Ao passo que os jovens inserem-se nos espaços citadinos, negociam sua identidade *outsiders* com a identidade dos estabelecidos. Os jovens narradores postulam uma identidade “urbana” em detrimento de uma identidade associada à memória e história familiar migrante ou local. Suas narrativas de história e de memória são distintas da comunidade hospedeira, porém, a negociação da identidade está

associada aos “projetos de vida” e aos “campos de possibilidades” que visualizam em Santa Cruz.

À medida que os jovens migrantes narradores encontram seu lugar, ou uma maioria tenha encontrado o seu lugar em Santa Cruz do Sul, o que implica gostar do lugar, identificar-se de alguma forma com ele, estar satisfeito minimamente com as possibilidades e alternativas que se apresentam, ter um “projeto de vida” neste local, enfim, ao passo que isso ocorre com estes jovens, a própria sociedade procura definir um lugar para o “indivíduo-agente empírico”; nas palavras de Velho (1997: 49), os indivíduos têm de “[...] assumir, responsabilidades e deveres de acordo com o sexo, posição na hierarquia” social, este processo se encaminha muitas vezes com algum tipo de tensão.

Nas sociedades complexas e individualistas os sujeitos vivem múltiplos papéis, estão em constante trânsito entre os planos e níveis sociais, as noções de “projeto” e “campos de possibilidades” contribuem para a análise das trajetórias particulares e singulares enquanto expressão do quadro sócio-histórico, os indivíduos estão constantemente sendo reconstruídos – “metamorfose” –, mas mesmo assim, mantêm suas identidades associadas aos grupos de referência como a família, etnia, região, religião, etc. Os jovens são portadores de projetos diferentes e muitas vezes contraditórios na sociedade (VELHO, 1994: 26 e 40).

Os indivíduos constitutivos de uma sociedade possuem códigos e acionam estes como elemento de categoria e diferenciação gerando, muitas vezes, uma tensão. No caso de Santa Cruz do Sul, os indivíduos locais e a própria “sociedade estabelecida” deparam-se com códigos específicos, como o bilingüismo; o fato de pessoas locais falarem o alemão apresentou-se como um tipo de tensão para alguns jovens com origem alhures em relação aos indivíduos estabelecidos. Esta tensão pode evidenciar, além de uma forma de diferenciação, mas uma “violência simbólica” sofrida pelos jovens com origem alhures.¹²

A narrativa dos jovens migrantes e de segunda geração evidenciou obstáculo ou deficiência de pertencimento em relação à identidade local – a noção de *outsiders* e “violência simbólica” – e uma “lacuna de identidade” atribuída à regional (gaúcha) como subterfúgio à identidade juvenil – noção de *insiders*. Este obstáculo do pertencimento mostrou que os jovens, principalmente os migrantes, sentem a comunidade local “fechada”, isso minimamente apresenta-se como uma dificuldade de inserção e opera numa “violência simbólica” que sofrem por terem vínculos familiares externos. Em relação à lacuna de

¹² O conceito de violência simbólica é uma “chave mestra” para a compreensão das relações de poder e dominação (CATANI e NOGUEIRA, 1998), e esta violência está presente em instituições, inclusive na escola e nos discursos normativos dos territórios.

identidade, os jovens sentem-se como *homo situs* porquanto “gostam” da cidade e dos atrativos que o local lhes proporciona.

Porém, apesar de não haver identificação com a memória e a história local, os jovens migrantes e de segunda geração apresentaram-se mais positivos que negativos na sua avaliação sobre o local, suas narrativas estão permeadas pelas expectativas de uma vida melhor para a família migrante na nova cidade. Se o migrante e sua família não encontrar motivos para permanecer – principalmente desenvolvimento socioeconômico –, estando ou não em descompasso com a memória e a história local, ele poderá migrar novamente.

Os migrantes conseguem avaliar e contrapor suas memórias e suas histórias com a da sociedade hospedeira. Porém, a despeito dos jovens com origem migrante se mostrarem críticos ao discurso germanista da cidade de Santa Cruz do Sul, estes não conseguiram dissociar a memória social local com a colonização alemã mais a industrialização do fumo (atividade econômica que se originou historicamente com os teuto-descendentes), resultando no discurso normativo vigente sobre o desenvolvimento regional.

Os jovens herdeiros da migração que possuem um “projeto de vida” e visualizam os “campos de possibilidades” em Santa Cruz apresentaram uma “noção idealista” sobre este território: cidade “bonita”, “arborizada”, “limpa”, “calma”, “organizada”, com “qualidade de vida”. Estes negociam suas identidades para territorializar-se.

Todavia, outro grupo de jovens herdeiros da migração que estão inclinados a migrar em busca de trabalho/emprego e estudo fora de Santa Cruz, apresentou uma “noção pragmática” sobre o local: a cidade convive com a “dicotomia entre periferia/centro”, “preconceito”, “violência” e “marginalidade”, ou seja, este grupo visualiza os conflitos sociais. Estes jovens negociam suas identidades para desterritorializar-se.

A “noção pragmática” dos narradores juvenis indica que o “projeto de vida” compreende estudar, trabalhar e constituir família por meio de objetivos comuns e localizados no tempo pelos jovens. Já a “noção idealista” dos narradores juvenis sobre os “campos de possibilidades”, se refere ao espaço, que é inconstante e reflete a satisfação com o local, assim, muitos jovens desejam permanecer e outros migrar do local, mas a mobilidade espacial está condicionada às condições socioeconômicas e culturais e à própria mobilidade social dos jovens na comunidade situada.

A negociação das identidades dos jovens narradores com origem migrante confronta-se com a história e com a memória social local, mas suas permanências ou não – (des)territorialização – estão associadas aos “projeto de vida” situado no local, a

visualização dos “campos de possibilidades” que se apresentam na cidade e ao modo de vida urbano – modos *vivendi* e *operandi*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração contribui para oxigenar uma sociedade assim como compromete e implica diretamente no desenvolvimento de uma sociedade, como é o caso de Santa Cruz, onde o trabalho do migrante foi motivado pela economia transnacional e foi decisivo para o processo de urbanização da cidade, provocando transformações consideráveis nos espaços urbanos – território (CORREA, 2002: 279).

A memória dos narradores juvenis é influenciada pelo local que residem, pelos espaços que transitam e pela constelação de capital econômico, social e cultural de suas famílias. Por sua vez, a situação cultural dos jovens narradores também corrobora para que os mesmos sintam-se e empenhem-se em fazer parte do desenvolvimento local de modo que isto lhes possibilita o próprio desenvolvimento do “eu”. Se os jovens não se compreendessem como agentes culturais no desenvolvimento da cidade, eles não se sentiriam *homo situs*, apresentariam um forte sentimento de exclusão social e não desejariam, em sua maioria, permanecer no local.

Assim, com base na noção de *outsider* – enquanto aquele que independentemente da condição socioeconômica difere dos “estabelecidos” em sua ancestralidade –, os jovens herdeiros da migração apresentam uma fraca identidade local, mas uma forte identidade regional (gaúcha). A identidade gaúcha teria, entre outros fatores, uma função compensatória para esses jovens. Como o patrimônio imaterial da cidade (memória coletiva) – colonização alemã, industrialização do fumo e desenvolvimento regional – não foi vinculado ao patrimônio dos jovens migrantes e de segunda geração, os jovens não se reconhecem como “herdeiros” da memória coletiva, não se identificam com a identidade local.

Dessa forma, o território de Santa Cruz do Sul/RS, que nasceu da colonização alemã no século XIX, não pode mais ser associado a apenas uma cultura ou uma identidade. A industrialização, a migração e a urbanização alteraram as feições do território ao longo do século passado, mas, sobretudo impeliram uma complexidade de culturas e identidades nas quais os jovens são os principais atores, visto que representam as futuras gerações locais.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *História dentro da história*. In: PINSKY, Carla (org.). Fontes históricas. São Paulo: Ed. Contexto, 2005. p.155 – 201.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRANCO, Maria Luisa C. *Cidades médias no Brasil*. In: SOBARZO, O.; SPOSITO, E.S.; SPOSITO, M. E. B.. Cidades médias: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p.245 – 277.
- BOTTOMORE, Tom; OUTHWAITE, William. Consultoria de E. Gellner, R. Nisbet e A. Touraine. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- BOURDIEU, Jérôme. et al. *Migrations, réseaux, patrimoine – renouveler les perspectives*. Migrations et transmissions inter-générationnelles dans la France du XIXe et du début du XXe siècle. Annales – Histoire, Sciences Sociales. École des hautes Études en Sciences Sociales. Paris, 55e Année, n°4, juillet-Août, 2000. p. 749 – 789.
- CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice (orgs). *Pierre Bourdieu: escritos em educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- CORREA, Sílvio Marcus de Souza. *Linha étnica entre “alemães e “brasileiros” em área de colonização no Rio Grande do Sul*. (XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização). São Leopoldo: Unisinos, 2007.
- _____. *Migração e a desigual distribuição espacial do capital humano*. Revista Raízes, Campina Grande, v.21, n.2, 2002, p.273 – 286.
- CURY, Isabelle (org.). *Cartas patrimoniais*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN. 3 ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FELDMAN, Sarah. *Política urbana e regional em cidades não-metropolitanas*. In: BRANDÃO, C.A; GALVÃO, A.C.; GONÇALVES, M.F. Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional. São Paulo: Editora da UNESP: ANPUR, 2003. p.105 – 112.
- FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (orgs.). *Apresentação*. In: Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 12 – 25.
- FREITAS, Sônia Maria. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002.
- KIPPER, Maria H. *A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul (1937 – 1945)*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979.
- MARTIN, Hardy E. *Santa Cruz do Sul: de colônia a freguesia 1849-1859*. Santa Cruz do Sul: APESC. RS, 1979.
- MATTAR, Fauze N. *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento*. São Paulo: Atlas, 1997.
- MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *Manual de história oral*. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MONTYSUMA, Marcos F. F. *Um encontro com as fontes em história oral*. Estudos Ibero-americanos. Revista do Departamento do Pós-graduação em História/PUCRS, v.XXXII, n.1. Porto Alegre: EDIPUCS, junho de 2006. p.117 – 125.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 2 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, Benedito; MIRANDA NETTO, Antonio G. et al. *Dicionário de ciências sociais*. Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SILVEIRA, Rogério Leandro L. da. *Cidade, corporação e periferia urbana: acumulação de capital e segregação espacial na (re)produção do espaço urbano*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

VOGT, Olgário P. *A produção de fumo em Santa Cruz do Sul/RS – 1849 – 1993*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

ZAOUAL, Hassan. *Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global*. Rio de Janeiro: DOP&A: Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ, 2006.